

O EX-LIBRIS

Significado, uso e história

(Breves apontamentos)

CDU 097

Muito se tem escrito sobre este assunto; todavia, continua confusa e enevoada a noção de ex-libris, cujo significado simplesmente indica que determinado livro veio "de entre os livros de", "que pertence à biblioteca de".

Tratando-se de uma marca de posse, de um sinal designativo do possuidor, e nada mais, não se compreende que no mercado apareçam, por vezes, livros que trazem impressa a designação ex-libris, juntamente com o desenho e o dístico que o autor da obra adoptou como expressão formal da sua divisa. Tal desenho e legenda poderão, neste caso, funcionar como emblema do autor, mas nunca como sinal de pertence, pois, um exemplar posto à venda destina-se a ser propriedade de outrem, e não de quem o concebeu e lhe deu forma.

O ex-libris, para se manter fiel ao seu autêntico significado, deve caracterizar-se por ser único e pessoal. Único, porque uma mesma marca deve assinalar todas as peças da mesma biblioteca; pessoal, porque deve distinguir e diferenciar, dos de outrem, os volumes marcados. Não faz, portanto, sentido que haja quem ostente mais do que uma marca de posse. Tal só será de admitir quando se quiser adoptar uma forma de ex-libris mais bela do que a anterior, ou esta, por qualquer motivo, já não te-

nha a sua razão de ser.

Além disso, no caso de haver divisa, esta deverá — como nos tempos de antanho — constituir programa e lema para uma vida inteira, mantendo-se constante. (1)

O ex-libris de hoje, armoriado ou não, continua a merecer as honras de pertencer à heráldica literária, pois a moderna marca de posse, quaisquer que sejam os seus símbolos e figuras, é, na frase de Lambert, citada por Armando de Mattos (2) e por este completada, "o brasão dos nossos tempos igualitários, que dá ao amador o título de bibliófilo e a posse duma biblioteca".

É sob esta apropriada designação de heráldica literária que Sousa Viterbo inclui o estudo dos ex-libris, estudo esse que considera de enormíssima utilidade, afirmando: "se a mais provada e honrada nobreza consiste no saber, por certo a Heráldica litterária devia levar a primazia a todas as outras". (3)

Anteriormente aos ex-libris gravados e impressos, com as características que actualmente apresentam, existiriam os ex-libris manuscritos, coexistentes ainda com aqueles na sua feição popular, e que Leite de Vasconcelos (4) designou por rústicos. Mais remotamente, já no século VII A.C., em Ninive, na biblioteca cuneiforme do rei assírio Assurbanipal, se descobriram também marcas de posse. E, em tempos mais recuados ainda, por

---

(1) - Vide ARMANDO DE MATTOS no artigo "O Ex-libris", in Brotéria, XXII, 1936.

(2) - Ibidem.

(3) - In O Instituto, vol. 47, 1900.

(4) - In Opúsculos, vol. VII, Etnologia (Parte II).

volta do ano 1400 A.C., entre os rolos de papiro do faraó Amenófis III, e de sua mulher Teje, foi encontrada uma curiosa placa zinha de faiança (hoje guardada no Museu Britânico) a indicar os seus proprietários.

O ex-libris heráldico, tradicional, nasceu na Alemanha, quase ao mesmo tempo que a imprensa. Alguns investigadores remontam-no ao ano de 1450 ou 1470-80, atribuindo-lhe a autoria de Johannes Knabensberg, conhecido por Hans Igler (João Ouriço), capelão da família de Schönstett. Este ex-libris apareceu ligado a um vocabulário de latim e representa um ouriço, por cima do qual, a todo o comprimento do corpo, se vê uma legenda. Friedrich Warnecke, uma das maiores autoridades sobre o assunto, considera como o mais antigo ex-libris uma outra gravura em madeira, que representa um anjo, de asas coloridas a vermelho e verde, segurando à sua frente, com ambas as mãos, um escudo de armas (as da família Brandenburgo), escudo esse (que quase o encobre da cintura para baixo.

Esta marca de posse apareceu nos livros oferecidos, à roda do ano 1480, pelo Irmão Hildebrando Brandenburgo ao mosteiro cartuxo de Buxheim.

Sob o ponto de vista artístico, podem considerar-se como mais antigos os ex-libris saídos das mãos de Dürer, durante o primeiro quartel do século XVI. De então para cá, desde Cranach e Holbein a Picasso, quase se pode afirmar não ter existido o pintor ou desenhador, de valor a quem não se deva a execução de trabalhos neste campo.

No século XIX, o ex-libris liberta-se da heráldica e procura

rã outros arranjos para a sua composição. Os brasões e os res-  
cudos de armas continuam, embora com outro cunho, a ser motivo  
das modernas marcas de posse, mas não constituem, como até en-  
tão, quase exclusivamente, o motivo único. As alegorias, as  
paisagens, os emblemas de variadas profissões e outros elemen-  
tos, começam a ser usados, mas não destronam as insígnias nobi-  
liárias, que aparecem tanto na sua forma tradicional como em mo-  
dernas estilizações de figuras de heráldica de belo efeito. (1)

Foi na Inglaterra e na América, e não propriamente na Ale-  
manha, seu berço, que o moderno ex-libris encontrou ambiente fa-  
vorável para a sua simplificação e liberdade de traçado, embora  
neste país se esboçassem por esta mesma altura tendências aná-  
logas.

A partir das últimas décadas deste mesmo século XIX e, tal-  
vez por influência da obra de Lorde de Tabley "Guide to the Study  
of Book-Plates" (2), aparecida em 1880, torna-se o ex-libris ob-  
jecto das atenções dos coleccionadores. Útil e interessantíssi-  
ma tarefa! Na opinião de Sousa Viterbo, "qualquer que seja o pon-  
to de vista sob o qual as encaremos, estas colecções sempre va-  
lem mais do que muitas outras". (3)

Não faz, porém, sentido, que haja ex-libris nascidos não  
para marcar os livros de determinada pessoa ou entidade, mas que

---

(1) - As criações de OTTO HUPP são exemplo disto. Vide RI-  
CHARD MUMMENDEY, Von Büchern und Bibliotheken, Bonn, 1950; e RI-  
CHARD BRAUNGART, Das Modern Deutsche Gebrauchs Ex-libris, Mün-  
chen, 1922.

(2) - Vide Encyclopaedia Britannica.

(3) - Ob. cit.

Únicamente se destinam a permutas e a enriquecer colecções. Estes falsos ex-libris, não funcionais, são meros objectos de luxo, de nenhuma utilidade prática. Quando muito, terão o mérito de enriquecer algumas colecções, pelo seu possível valor artístico, tratando-se, paradoxalmente, de ex-libris que... nunca o foram.

Maria Armada de Almeida e Sousa  
Faculdade de Letras de Coimbra